

SUMÁRIO

Apresentação — p. 7

Os Cenários da Comunhão — p. 21

Os Atores — p. 33

Guardados da Eucaristia — p. 51

Dedicatórias — p. 61

Créditos — p. 69

Via Sacra — p. 71



nsere-se na cidade de Fortaleza, urbe a andar pelos anos vinte por volta de oitenta mil viventes, uma sociedade de fundamentos tradicionalmente católicos. As mães, ansiosas, esperam poder encaminhar os filhos varões ao Seminário, oficina de ensino credenciado a essa época por corpo de professores, oito ao todo, dos quais apenas dois brasileiros.

Os sinos, a esses dias, ouvidos pela manhã, acordam e põem de pé zelosas donas de casas, que se arrumam pressurosas para ir à igreja, o fazendo sempre acompanhadas de amiga, vizinha requestada.

O clero se movimenta bastante vigilante, cônscio de suas responsabilidades junto à comunidade, ciente dos desafios de ordem moral em que pontuavam procedimentos avaliados e censurados pelo poder público.

Vale lembrar o censurável comportamento das mulheres, de moral débil, a ver estatística pouco encorajadora desses dias. A esse respeito, o autor anotou em livro que em se ocupou dessa situação, referindo o total de mulheres solteiras, das quais inúmeros menores,

que, na década 1920-29, dão à luz, realidade que assustava: "O levantamento estatístico percorre os anos de 1915 a 1926, detectando 2.329 parturientes solteiras contra 2.710 casadas. Nesse período da menores são 1.027".(1)

A moral, retomamos àquela apreciação, no contexto social, em 1919, ia em baixa. Pois 37% das crianças batizadas apareciam recenseadas na condição de filhos ilegítimos.

D. Manoel da Silva Gomes, credor de considerável prestígio, impulsiona à época as atividades do clero. Incrementadas as reuniões das associações, a exemplo, de Mães Cristãs, às quais atribuía a responsabilidade de orientar cristamente não só as pessoas da própria família mas os empregados domésticos, mão-de-obra que, recrutada no interior, vinha parar nas cozinhas, criaturas vulneráveis às influências nocivas, deparadas de modo inesperado na capital.

Não só destacadas as atividades das Mães Cristãs, cujo núcleo principal reunia-se na própria Sé, mas de outras associações como as dos Filhos de Maria e da Cruzada Eucarística.

Inauguram-se por então mais Círculos Operários Cristãos e Sociedades Vicentinas, a essas últimas reservadas a prática da caridade, cabendo a seus membros a visita a pessoas idosas enfermas, após assistida a missa, aos domingos. A seu turno, todo estabelecimento de ensino, a se desejar respeitado, pelos anos vinte, animava o sentimento religioso de seus alunos. Em todos, e notadamente no Colégio Nogueira, prosperavam as primeiras comunhões de meninos que atingiam a idade recomendada para o exercício eucarístico, algo em torno dos dez anos.

Em 1934, quando ocorre o cinqüentenário da primeira comunhão de Santa Terezinha do Menino Jesus, assinalada a 13 de maio, dão-se às mãos, espiritualmente, todas as crianças da Arquidiocese de Fortaleza, em ato de comunhão, recebendo a eucaristia em coletiva prece pela "salvação da infância russa, que está sendo descristianizada".

No ano de 1925 é reeditado folheto (60 páginas) — em verdade manual de instrução religiosa — pelo Conselho Central Metropolitano de Fortaleza, com instruções para as "Adorações ao SS. Sacramento", práticas de exercício diurno e noturno.⁽²⁾ De chamar a atenção o que então é estipulado no documento de instruções.

De exemplo o "modo prático de fazer-se à Adoração noturna na cidade de Fortaleza", lista de intenções, entregue "ao Diretor da noite, que designa a hora e leito a cada um, fazendo em seguida a leitura da Parte do Regulamento que diz respeito às obrigações dos adoradores..."

Recitam-se, na vigília, "5 Padre Nosso, 5 Ave Maria e 5 Glória Padre, acrescidos por Ato de desagravo".

Só então, iniciada a execução do horário de cada adorador, "cabendo a 1a. hora aos ns. 1 e 2, a 2a. aos ns. 3 e 4, e assim por diante.

Vale a pena transcrever o exercício da adoração: "Quinze minutos antes de findar sua hora, um dos adoradores se levanta do genuflexório e vai despertar os dois adoradores encarregados da hora seguinte, e, voltando com eles, em comum os quatro rezam cinco Padre Nosso, cinco Ave Maria e cinco Glória Padre."

Não pára aí atividade religiosa. Pelas 4 da manhã reúnem-se todos os adoradores para a leitura espiritual e oração, enquanto o

padre Diretor prepara-se para celebrar a missa e dar comunhão a todos os adoradores (p. 59 o.c.).

Tão longa e minuciosa descrição, para deixar ao leitor a idéia de como os atos religiosos, da Igreja católica em Fortaleza (os mais simples, ajunte-se, àqueles dias) estavam sempre a exigir rigorosa obediência às regras impostas pela Arquidiocese.

Esse sentido, com certa intenção de organização cênica, se assim podemos mencionar, preside aos atos de manifestação de fé em público.

Em decorrência, não admira o ritual admitido para as crianças em seu encaminhamento à Eucaristia, por ocasião da primeira comunhão. Em tudo transparente "intenção" cênica, a partir da escolha do indumento, de circunstâncias para o ato, o dia e a presença da família, amigos, e o sentido de solidariedade grupal, pois sempre reunidos os colegas de classe, da escola, ou da freqüência ao catecismo propiciado pela paróquia, animada para o importante momento.

Não cessava aí a elaboração do espetáculo. Os meninos e meninas tinham de ir levados a atelier fotográfico, e nessa oficina,

diante de cenários — manifestação objetiva de encenação teatral — ou perfilados ao lado de projeções imitativas de colunas, sacrários ou bancos de jardins — verdadeiros trainéis, como se diz em linguagem teatral, conduzidos sob a vigilante orientação do fotógrafo, para que o registro de imagem expressasse o testemunho de celebração bastante diferenciada.

Ao final dos anos trinta, o clero enfatiza a importância do recrutamento das crianças à celebração da primeira comunhão. De comum os artigos em jornais, os sermões como, a exemplo, de Mons. Joviniano Barreto.

"Seu coração (criança) começa a estremecer de ânsia por que chegue o dia venturoso de sua (primeira) comunhão. Para isto muito concorreu certas circunstâncias que em outras ocasiões seriam banais. O preparo das vestes, símbolos da candura; aquela vela ornada, símbolo da fé; a festa que lhe oferecerem naquele dia, sinal de alegria dos pais, dos irmãos, dos parentes e amigos; os presentes que todos lhe desejam..." (...) "Elas (crianças) sentem a verdade do que se diz de

uma pequena que, no dia de sua primeira Comunhão, a quem lhe perguntou o que era o céu, responde": "é uma primeira Comunhão que dura sempre". (3)

Mais se ajunte... Em cada casa, na azáfama — quase ritual — de preparar o filhinho querido que ia, afinal, receber a hóstia consagrada, pela primeira vez, improvisava-se o inventário de mais providências.

Alguém alertava aos interessados com a informação de que certa senhora, costureira de todo respeito e boa tira larga (e fita não era), urdida em fios que lhe davam a feição de obra religiosa, ou pelo menos casta, apropriada de adorno fácil ao manejo das mãos, a modo de laço decorativo, a exibir caprichado bordado (ou aplicação?), a fingir lindo cálice de comunhão... Tinha mais, raminhos de delicadas flores? Que flores eram?

Mais dizendo, vem hora de informar: rapazes recebiam, para ter às mãos o manual de orações, de preferência de capa branca. Mocinhas, no entanto, privilegiadas, quando podiam os pais, carregavam com vaidade mimoso (tem de ser esse o adjetivo) livrinho de

orações, de madrepérola a capa, e em ato de ser aberto, para saciar a curiosidade dos parentes, deixava à vista delicado terço com contas em pérolas verdadeiras... ou de imitação.

Na festa promovida em louvor aos que comungavam pela primeira vez, — já falei —, organizados os comes-e-bebes. A maioria, com criadas disponíveis na cozinha, como se dizia por então, "de forno e fogão", supria à mesa do "café-com-leite, leite e chocolate", o móvel guarnecido de bolos de fatura doméstica. Havia quem recorresse ao trabalho de doceiras (dizia-se: boleiras) especialistas em bolos confeitados. Não tão vistosos, como os de hoje, de aniversários ou casamentos. Mas decorados (assim aludidos por confeitados), recebiam o doce cobertura açucarada, alvinha, e aí acrescentados, em caprichados arranjos, os símbolos da Eucaristia.

O sacerdote não pode descurar da obrigação de orientar e estimular em sua paróquia o preparo dos futuros membros da Igreja, as igrejas.

Por isso, o "Primeiro Sínodo Diocesano Fortalezense", presidido por Dom Joaquim Vieira, em 1888, no capítulo XII ("Da Eucaristia

como sacramento"), aí mencionado: "São os Párocos obrigados — *sub graci* a empregar toda a diligência em ordem a preparar os meninos para receberem a sagrada comunhão." (4)

No mesmo lugar esclarecido ainda estarem todos os párocos avisados "de ser *culpa grave* diferir-se, sem causa justa, a comunhão dos meninos para além dos doze ou quatorze anos." (Idem, idem)

Dos anos trinta do século passado até inícios dos anos cinqüenta, a Igreja diligenciava junto ao público a memória estatística da ação religiosa exercida, não esquecidas na publicação (anual) o levantamento em números, de modo detalhado, de todas as atividades do Apostolado da Oração, e ao que nos interessa nesse estudo, da Cruzada Eucarística. Tudo como se menciona, divulgado em forma de livro no *Anuário Eclesiástico da Arquidiocese de Fortaleza*, a que tive acesso, edições de 1953, 1954 e 1955.

Em 1955 o Santuário da Adoração, apensado á Paróquia do Carmo, contava com 115 cruzadinhos. A Paróquia dos Remédios, também em Fortaleza, reunia maior número: inscreviam-se aí 265 cruzadinhos.

Não se pode dizer, perseverar com igual entusiasmo a arregimentação de crianças atualmente, aos moldes de como se fazia pelos anos ora relembrados, convocados para a primeira comunhão, acontecimento que (lembrei atrás) estimulava os estabelecimentos de ensino, como o Colégio Nogueira, a promover a primeira Comunhão dos seus alunos.

A primeira Comunhão, por então, empreendida como acontecimento festivo para a criança, a partir de seu treinamento, de como se comportar, decente, a ajoelhar-se em posição que a deixasse de cabeça erguida, humilde, a boca ajustada à altura correta para absorver a hóstia consagrada.

E como já referido em linhas anteriores, outras providências iam sendo consertadas: o modelo do indumento, se roupa simplesmente branca — ou, nessa cor, mas recortada em modelo de farda, que podia ser a do próprio colégio (trajo especial dos dias solenes), ou farda de marinheiro, militar, e nesse caso com direito a quepe.

O procedimento para o grande dia da primeira comunhão, quando o menino, filho de pais economicamente bem contentados na vida, exigia organizado na casa do comungante generosa recepção para amigos e vizinhos, além dos parentes, e aí servido como dito aos jornais da época, "lauta mesa de café e chocolate", e mais de bolinhos de goma, biscoitos, principalmente.

Seria esse o formato de uma verdadeira celebração de primeira Comunhão?

Em *Pastoral Catequética* — 10 pode-se ler o comentário: "Constamos que na preparação para a primeira comunhão faltam, em geral, as *verdadeiras celebrações. Uma verdadeira iniciação à celebração, no entanto, se faz celebrando*. Encontramos às vezes roteiro para "celebrações". Mas são antes jograis e reflexões comunitárias. Elas ficam normalmente em palavras. Faltam gestos e ritos. Não há festividade.

Festividade, ou debaixo de minha ótica particular, *representa-*ção, certo exercício cênico (para reafirmação da proposta religiosa)
que, no passado, pontuava a celebração desse tipo qual rito de passagem, a identificar prazerosamente a criança com o mistério da Euca-



ristia, inserindo-a na prática de atividade que, àquele momento, como exercida, era religiosa e teatral.

A tanto, e sentimentos repetir mais uma vez, com direito a foto em estabelecimento fotográfico que, não de raro mais parecia palco onde todo menino, por instante maravilhoso, bastante significativo também, era ator, a se ver depois a si próprio em foto comemorativa de tão memorável acontecimento.

O presente Álbum de Primeira Comunhão exibe tão só a intenção de resgatar, iconograficamente, a iniciação na Eucaristia dos inocentes curumins de Deus, ao redor do primeiro quartel do século que passou, dias e anos emoldurados ainda em ingênua mas ardorosa obediência ao salutar exercício religioso da família.

A circunstância ajuda-nos a firmar a impressão de que o comungante, com esse aspecto, quer demonstrar respeito ao ato religioso e exercitado.

Luís da Câmara Cascudo conta, com erudição, o significado do gesto "tirar o chapéu". Diz ele: "O chapéu possuiu prestígio durante e depois da Revolução. Acentuou-se a dominação no século XIX, onde

estar sem chapéu valia estar sem cabeça. A saudação máxima era retirá-lo da cabeça..."

Educado, prestando homenagem, descobrindo, ou figurando na foto sem usar o quepe, podem ser vistos em fotos os meninos José Caubi de Araújo e criança comungante infelizmente inominada.

Ainda nesse mesmo ano de 1925 o rapazinho Walter Henrique Torres, vem sugerir que se devam exceções no tocante. Apresenta-se o comungante metido em farda branca e quepe à cabeça.⁽⁷⁾

Não teria sido advertido — posso especular com justa razão —, por alguém mais forrado de conhecimentos de etiqueta, quanto à impropriedade de seu comportamento.

De texto, em seu todo, não são raras as fotos (os postais como se diziam por então) de meninos fardados, com o quepe de lado, mas muito rara, sem dúvida, a pose de aluna (não identificada) do Colégio Nogueira, em foto para celebrar sua primeira comunhão realizada a 28 de outubro de 1925, trajando-se graciosamente de militar... e também, bem educada, sem quepe.

Assim como mencionado o trajo com apelos militares segue à frente.

O autor que empreendeu a sua primeira comunhão nas proximidades de 1936, usou como indumento da cerimônia a farda de marinheiro. No gorro azul assinalada a embarcação a que pertencia o marinheiro comungante: "Cruzador São Paulo"

Aludo a esse episódio em livro de memória — *Na Flor da Idade*, onde menciono: "Dela (Rachel, a empregada) a infeliz idéia de me vestir de marinheiro do "Cruzador São Paulo" para a primeira Comunhão, então em moda. Fui de nauta, sabe Deus com que revolta, aos pés de Deus, enquanto Geraldo Oliveira, um primo também vítima desse ato de fé, seguiu-me feito marujo do "Cruzador Minas Gerais", outro navio de guerra em voga".⁽⁸⁾





ara o esperado espetáculo de aceitação do Senhor, espécie de rito de passagem, os meninos encaminhados à primeira comunhão, precisavam, além dos ensinamentos recebidos na igreja, do ordenamento religioso ensinado exaustivamente pelos pais, o que se exercitava sob regras de civilidade, com cenário adequado para tão aguardado ato de fé, procedimento que passava certamente pela foto artística, em estúdio especializado, imagem guardada, àqueles dias, em álbuns, os retratos em preto e branco, ou em sépia, contidas por cantoneiras de papelão adquiridas às livrarias.

Conte-se então, como se dava o feito.

Funcionavam estúdios mais preparados que outros. E, dos quantos se exercitavam o comércio de fotos de primeira comunhão, mais requisitado o Foto Sales, em nosso entender o primeiro pela *mise-em-scéne* que ensejava aos retratados.

Tudo faziam os proprietários desses estabelecimentos fotográficos para atrair o interesse da clientela.

Como acontecia em encenações teatrais, não lhes faltava o décor apropriado, o que podia ser — como de fato acontecia — composição

própria para o evento, quase sempre a figuração de cenografia mostrando a Jesus pintado em espécies de telão, ao fundo do estúdio, ambiente para a comunhão.

Exatamente à altura da mão de Nosso Senhor, a fingir estender a hóstia ao comungante neófito, devia estar situado o rosto da criança, mas precisamente a boca. Assim ajoelhada em genuflexitório, punha-se em contrição qual se realmente estivesse a praticar a comunhão.

Só isso? Não, que mais havia. Em outros estúdios, à falta de espaço, seus proprietários engendravam trainéis, armações em madeira figurando, como em teatro (adereço de cenário) e nesse caso, como relatamos, móvel de aplicação religiosa, a representar um altar, por exemplo, ou, como de regra, a imitação de sacrário onde, para maior impacto do artefato, inseria-se na parte superior a efígie do Coração de Jesus.

Mais havia... Podia ser recanto de jardim, de casa senhorial, trecho de estrada — talvez o caminho para o céu —, ou, de modo mais efetivo, também modulado em trainel como artefato teatral, mureta de pedras onde o comungante se assentava, a contemplar em direção ao fotógrafo.

A meninota Maria José, a primeiro de dezembro de 1931, deixa-se fotografar em pose, no Foto Sales, que, à época, funcionava na Praça do Ferreira, 30.

Muito antes, em 1921, menino empunhando manual e indumentado de branco, posa sentado naquele misterioso muro de pedra (que significaria ao inspirado fotógrafo?), diante de cenário de árvores sacudidas por ventos.

Já o menino Lauro Vieira Mota (não vimos consignada a data em que se deixou fotografar) está retratado diante do sacrário, como assinalamos antes, em composição que devia fazer sucesso, pois não são raras as crianças em pose nessa situação.

Vale a pena o leitor demorar a avaliação, e verificar os detalhes da arrumação cênica, o trajo do garoto, um dos raros metidos em calça curta. Ver também a altura em que lhe ficam as meias, quando vestidas, e as botas brancas, elegantes, os laços rigorosamente feitos.

Já em 1925 esse mesmo Foto Sales parecia ter-se aperfeiçoado em arte cenográfica, dispondo-se assim a atrair maior número de clientes. A tanto a figura de Jesus Cristo, no ato de ministrar a comunhão, passa a ser pintado de maneira mais convincente.

Em verdade, as fotografias, ou sejam, os postais que surgem desses dias por diante sugerem o exercício de trabalho realmente mais artístico e, portanto, satisfatório.

O mesmo cenário em que Jesus substitui o sacerdote no ato da comunhão é também apropriado por outro estabelecimento, o Foto Brasil, situado àquele tempo na Rua Floriano Peixoto, 27 (1928). Nesse ateliê vê-se fotografado o menino Kerensky.

Mais à frente, em verdade em 1930, estabelecimento fotográfico (seria o Foto Ribeiro?), em matéria de cenário para fotos de primeira comunhão, foge à tradição e coloca à disposição dos clientes majestoso cenário representando o interior de catedral, em cujo espaço se inserem imponente altar e colunas de arquitetura grandiosa.

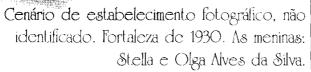
Duas mocinhas, no caso Stela e Olga Alves da Silva, emolduram-se nesse cenário em foto realmente de boa composição artística. Pelo menos diferente de tudo que se via, por então.



Cenário mais utilizado pelo Foto Sales. O menino, José Wilson Soares de Araújo, em sua Primeira Comunhão, em 28 de outubro de 1925.

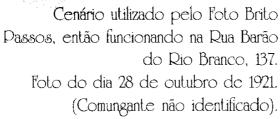


















Trainel (modulado de madeira) usado como cenário pelo l'oto Sales. O Menino: Lauro Vieira Mota (sem data).

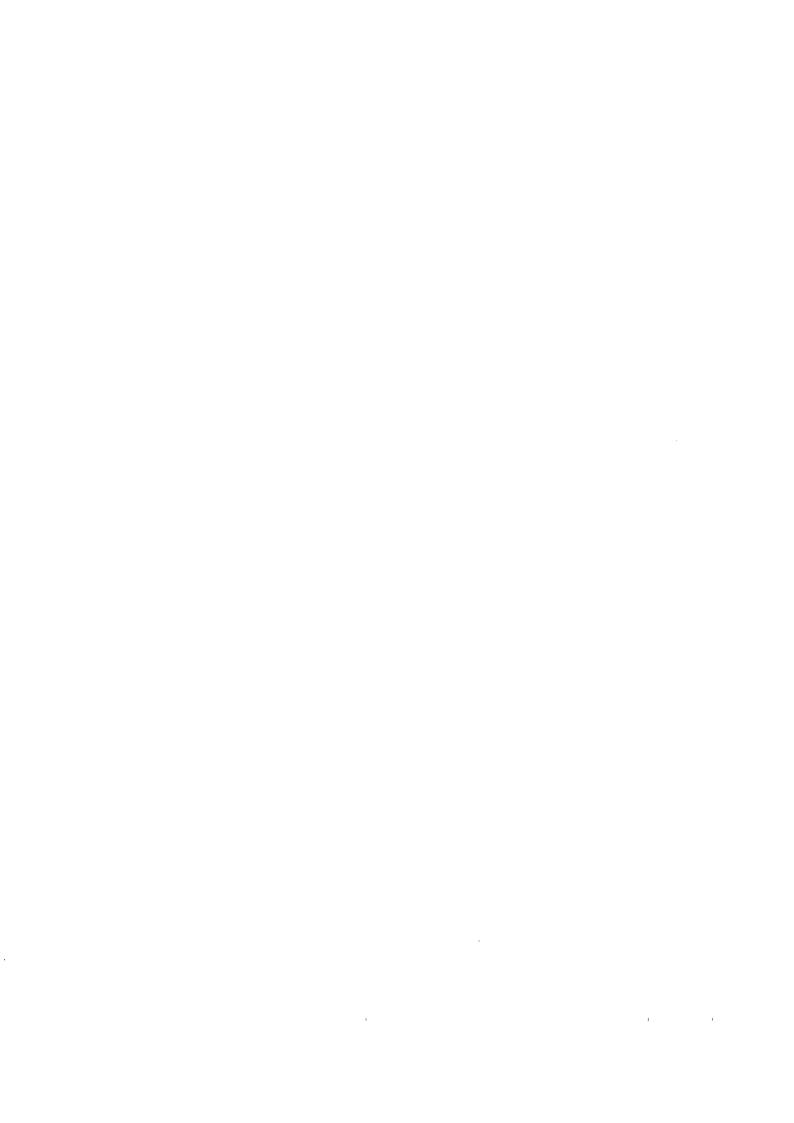


Outro expressivo cenário do Foto Sales, aproveitando a imagem de Cristo Crucificado. Foto de 1º de dezembro de 1931. A menina: Maria José, sobrinha do Prof. Nogueira.









á um momento em que as fotos de crianças (praticadas em estúdio) apresentam os comungantes, aqueles que portanto, se inauguram na Eucaristia pela primeira vez, em trajos militares.

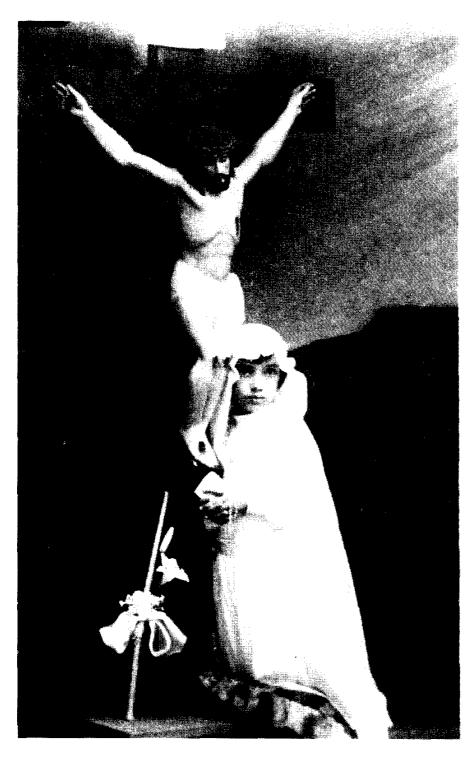
O normal é ter os ora referidos, via de regra, bem enfatiotados, em trajos brancos, a lembrar pureza, e como se já fossem rapazinhos, raros os de paletó escuro e calça branca, pois a maioria apresenta-se na cor exigida pelos catequéticos, o branco, como falamos antes, de paletó e gravata.

Mas chega instante, o que parece começar a prevalecer por anos seguidos, em que os atores da primeira Comunhão o fazem (isto é, contemplados em fotografias de estúdio) usando na oportunidade atraente farda de cor branca, trajo de gala, imagino, adotado por alguns estabelecimentos de ensino, a um tempo em que, diferente dos dias atuais — o alunado tinha por obrigação dispor de pelo menos três indumentos caracterizados, no caso a primeira farda para o quotidiano e as demais, uma geralmente branca e outra em cor azul, para dias de maior importância.

A condicionada em azul, chamava-se garança, farda de valor em cor azul, preparo caro. Sob essa mesma intenção especulativa, que anima a esse comentário, pode-se atribuir o vezo de comungantes pelo trajo militar à influência de pais ou tios pertencentes às forças armadas.

Em verdade essa situação (de comungantes como ora se relata) vai ocorrer com mais freqüência, de 1924 a 1930, sendo que, em 1925, as fotografias do modelo lembrando nos parecem mais numerosas e requintadas.

O jovem Egberto Pedreira Cavalcante, no dia 28 de novembro de 1924, deixa-se fotografar fardado. E aí, pela primeira vez, bem visível, o detalhe: o comungante não se apresenta de quepe à cabeça. Está de cabeça descoberta e o quepe posto ao lado.



Artística composição fotográfica do Foto Sales. Ver os detalhes, a vela com laço, o manual na mão da mocinha, e o ar piodoso da comungante (Maria José).



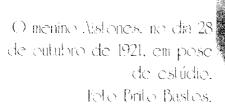
Visão normal do "postal" de Primeira Comunhão das irmãs Stella e Olga Alves da Silva (1930).



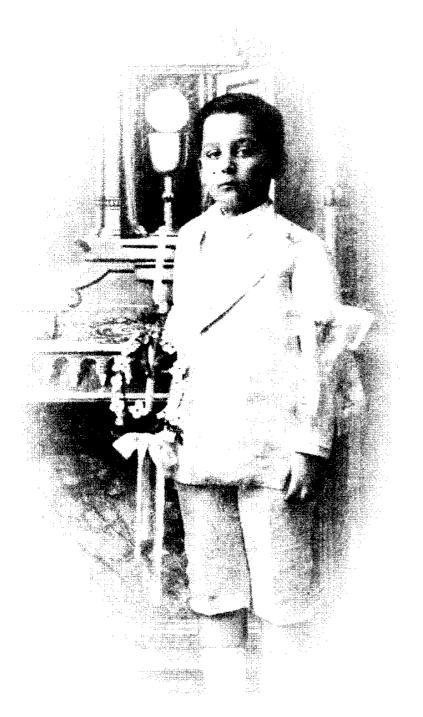
O menino Geraldo Botelho, em foto possivelmente praticada em residência. Não há cenário e prevalecem os arranjos religiosos (s.d.).



O meniro Aistonos, no dia 28 de outubro de 1921, em pose de estúdio. Foto Brito Bastos.

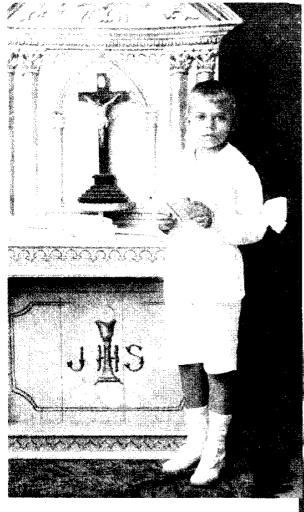








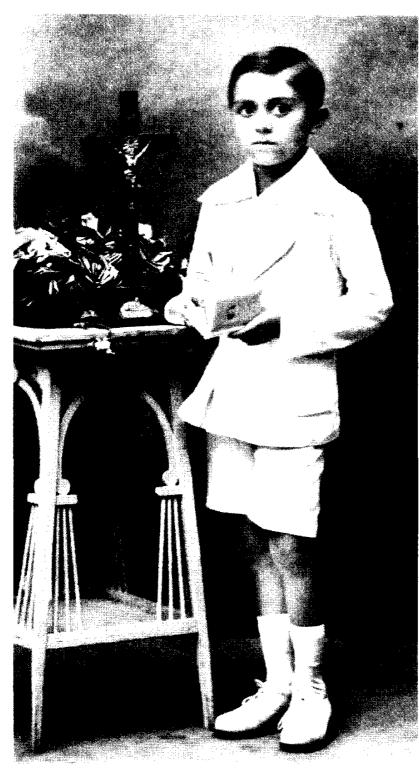
Comungante (não identificado) em fotografia tirada no l'oto Sales. Reparar a variação da apresentação do sacrário (1923).



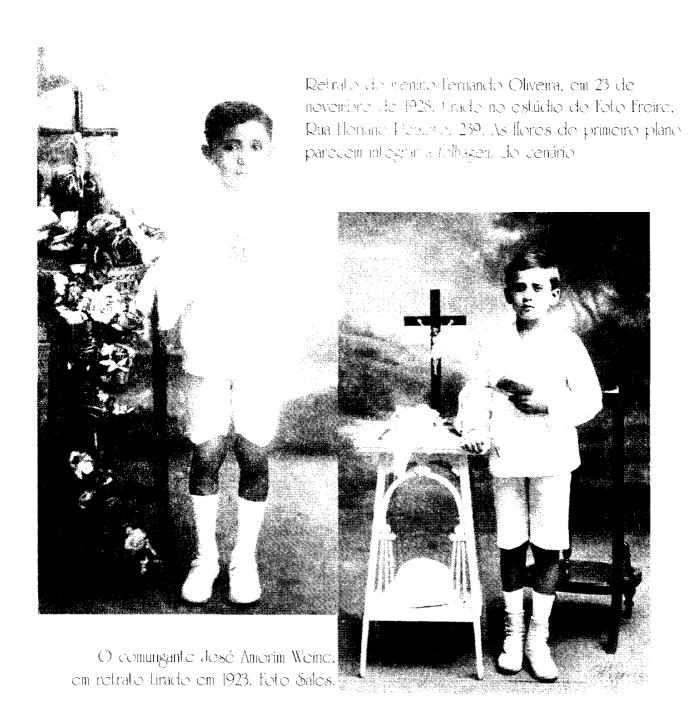
O menino Lourival de Oliveira Nogueira, em 1921, fotografado ao lado do "trainel" do Foto Sales. Ver a modificação do sacrário, a expor a cruz.

Fotografia do monino Francisco Tavares, em 26 de novembro de 1926. Estúdio do Foto Sales. Cenário inexpressivo.

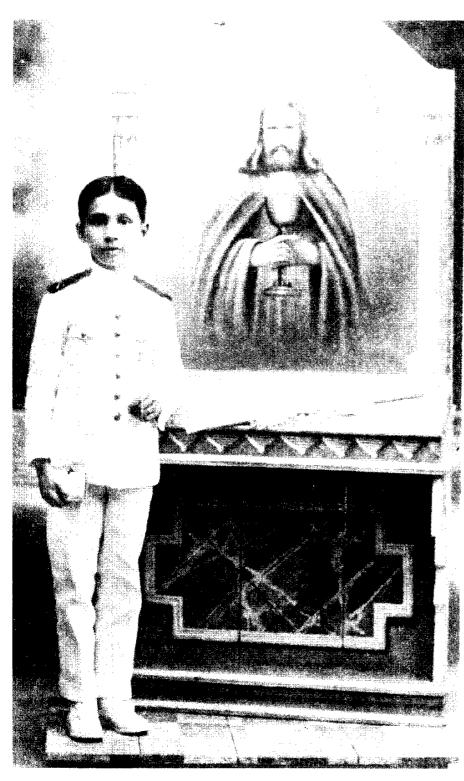




O comungante
George em 24
de novembro de 1930.
Retrato de Estúdio.
Foto Brasil, Rua Floriano
Peixoto, 272.
Excelente serviço
fotográfico.



44 EDUARDO CAMPOS



O menino (em trajo de militar) Antônio Mendes Filho, em 13 de novembro de 1925. Módulo fingindo altar e sacrário. Foto Sales.



Menino José Bastos l'reire, em 28 de outubro de 1929. Foto de estúdio. Talvez do Foto Sales.

O garoto figberto P. Cavalcante.
Foto Salos. Ver detalhe
do sacrário, aberto.





Menina com indumentária militar (não identificada). Foto tirada em residência. 28 de outubro de 1925.



48

EDUARDO CAMPOS



Os dois meninos, Otávio e Roberto, em fotografia (de estúdio?) em 28 de outubro de 1931. Boa composição fotográfica.



Carotos em foto de Primeira Comunhão, não nominados. Pelo aspecto das "pedras", tudo indica ter sido a fotografia executada no l'oto Brito. (1920 ?).

Foto de dois comungantes em 1918 (?). Não identifiados. Pela armação do cenário, fotografia tirada no Foto Sales.





GUARDADOS

DA

EUCARISTIA

e bom tom a menina possuir o álbum de primeira comunhão, onde deviam demorar, como lembrança, os momentos mais significativos não só do dia da Eucaristia, mas dos fatos e preparativos que confluíram para tão aguardada festa.

Enquanto a menina — a graciosa Peregrina Capelo, como vem ao caso relatar por agora — prepara-se espiritualmente para receber a Jesus, a família encomenda, em São Paulo, à firma "Cartona" Cartão-Photo Nacional, na Rua dos Gusmões, 551/559, vistoso e elegante álbum.

Imponente esse livro, com folhas em branco, cuja capa exibe uma linda criança a receber de Jesus a Eucaristia. No alto da estampa, praticada em policromia, anjos acompanham, participantes e curiosos, o esperado momento.

As 24 folhas, no tamanho 25 x 25, vão receber também as fotos mais significativas alusivas à comunhão de Peregrina, a começar pelo próprio retrato tirado em ateliê (Aba-Film), a revelar a mocinha vestida de noiva.

Vê-se desse modo que, ao longo do tempo, de 1920, p.e., até 1960, a documentação fotográfica, religiosa, sofreu fundamental aperfeiçoamento. Já não se fazem mais fotos em estúdios insinuando-se a comunhão representada, com direito a cenário. Trata-se por então de simbolismo maior, já agora a menina-moça indumeta-se de jovem e bonita noiva, e nessa condição, a simbolizar pureza, castidade.

Àquelas tantas páginas desse álbum recebem por diante o testemunho dos familiares, das amiguinhas... Flagrantes da mesa posta como bolo confeitado, além de santinhos, os que manda imprimir a própria comungante, e de outros, que se juntam ao acervo em formação, peças de sentimento e amizade, enviadas pelas amigas por ocasião também de suas primeiras comunhões.

Não falta a esse tesouro de boas lembranças o próprio "Guia de Catequese", pequeno manual de instruções, de quatro páginas, impresso em duas cores, e amplamente ilustrado com símbolos cristãos, organizado — podemos imaginar — pelo Padre Nelson Nogueira Mota, e mandado depois editar em Recife ("Potest Imprimi"), com o compe-

tente "imprimatur" do Arcebispo de Fortaleza, D. Antônio de Almeida Lustosa (14.II.1959).

De chamar a atenção a caderneta de boas intenções da menina Peregrina Capelo, espécie de diário, ou livro de confidências, onde a cada dia que passa, vai a mocinha assinalando suas emoções no percurso até a mesa da Comunhão.

Aí contado em determinado momento: "14 de junho. É o segundo dia do meu Retiro. Bem acolhida, sob o manto azul de minha querida Mãe do Céu, quero passar hoje o dia."

Depois de outras anotações, ao final, a mensagem de carinho da própria genitora: "Peregrina, esta caderneta é o resumo de toda a preparação para o dia mais feliz de sua vida. Seja sempre boa filha, e boa irmã, são os votos de sua Mãe. 16-6-60".



Expressive álbum de Primeira Comunhão, com policromia na capa também figurando montagem especial. Ver e detalhe do cordão trabalhado. (de propriedade de Peregrina Capelo).

A então menina
Peregrina Capelo
em sua Primeira
Comunhão,
vestida de noiva,
significativo avanço
(moderno)
no indumento das
comungantes.
Foto Aba-Film
(1960).



Delicado "Santinho", utilizado para congratulações dos comungantes. (1960)



Oh! Jesus, imprimi em minh'alma a lembrança deste dia feliz, avivando a minha fé e conservando a minha pureza.

LEMBRANÇA

de minha Primeira Comunhão feita no Ginásio Mons. Luís Rocha Fort., 16 de Junho de 1960

as meus queridos país, avós, írmãos, tios, parentes e mestras

Paregrina Filima de Araijo Capilo

Ferante Cristo ajuelhada Tenho aberto o coração, Jesús! fazei me prendada Pur vossa consolação.

Faço a súplica piedosa
De afeto e fé sem iguais
Ne éu-Cristo-a luz bon[dosa,
Na terra o amor de meus
[pais,

Lembrança do dia feliz de minha Primeira Comunhão feita na Escola Operária Cortume Belém.

Vera e Vanda Almeida de Sousa.

Quixadá, 30-11-1958





GUIA DE CATEQUE

A SAGRADA FAMILIA AO5 ÀS P C M A R A Å 0 Ţ E F E S E 0 N N S O 0 S 1 į 0 V ٧ Ŧ R 0 E S 8 MODELO DA FAMILIA AOS MENINOS E MENINAS MEU GUIA DE CATEQUESE

LEMBRANCA DE MINHA INFÂNCIA

ENSINEM AS CRIANCAS DE 3 ANOS PARA CIMA



i. Quem criou tôdas as coisas (o) Deus, Quem criou tôdas as coisas?

ALUNO:

- 2. Peus e um espírito perfeitimimo, eter-no, cramor do Céu e da terra....
- Quem é Deus ?

 Deus ests no Céu e em tôde parie
 Onde esté Deus ?
- 4. HA um sa Pege. Quantos Deuses há?
- 3 Em Deus ha très pessons distintas Quantas possons ha em Deus?
- 8, As measees de Douz se chamam Pat, Fifte e Espirito Santo, Como se chamam as pessoas de Deus?
- A Santissima Trindade é o mistério de um Deus em três pessoas distintas . Que é a Santissima Trindade? A pessoa de Deus que so fér homem foi o Filho de Deus Qual a pessoa de Deus que so féz homem?
 - 9 Nosse Scahor Jesus Cristo e o filho de Deus, feito homem.
 - Quem é Nosso Senhor Jesus Cristo? 18, A Mão de Nosso Senhor Jesus Cristo é
 - Nossa Sentiora, Quem é Mãe de Nos-so Sentior Jesus Cristo?
- 11. O Pal de Nosso Schhor Jesus Cristo é o Pal Eterns. Quem é o Pal, de Nosso Senhor Jesus Cristo;?
- 13. Na Hóstia Cousagrada está Nosso Sonhor Jesus Cristo. Quem está na Hóstia Consagrada?
- 14. Norse Senhor Jesus Cristo está na Hústia Consegrada am norpe, sanque, sima e divindade. Como Nosso Senhor Jesus Cristo está na Hústia Consegrada P

 15. Quem consegra a Hústia é o Padre.



16. O Padre Consagra a Hostia e o Padre.

Quem consagra a Hostia no melo da Missa.

Quando o Padre consagra a Hostia?

Quando o Padre consagra a Hostia?

17. A Missa é o sacrificio do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

no altar — Que è a Missa?

ORAÇÃO — Meu Jesus, ha Hóstis Canxagrada, espare a amores

ENSINEM AS CRIANÇAS DE 3 ANOS PARA CIMA

- 18. Comungar e recebro N. S. Janua Cristo da Hantia Consegnada Que é comungar?
- 13. E bos coixe Commagn até todos os dess. É bos coixe commingar muitas vézes?
- 20. O filho de Deus se lêx housem para que saivar de peçado Para que se fêz housem o Filho de Deus?



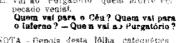
- 21 O perado é a deschedioneia à Lei Gu Para pecado?
 22 O pecado ofende a Deus ... A quem ofende o pecado?
 25 N. S. Jesus Cristo nos salvou do pecado?
 26 Como N. S. Jesus Cristo nos salvou do pecado?
- 24. N. S. Jesus Cristo morreu as Sexia Faira Santa Em que dia morreu Nosco Senhor Jesus Cristo?
- 26 Caem tem pecado morial as moda communar.

 Pode comungar quem tem pecado mortal?
- 28 Quem tem poder de perdoar es paçades e e Padre. Quem tem e poder de
- perdoar os pecados? 27. O perdão dos pecados se alcança con-lessande-se. Como se alcança o per-dão dos pecados ?



- 29. As 5 consas para confessor-se são: exame, confrição, propósito, confissão, e penitência.

 Quais são se 5 coisas para confessar-se?
- 29. É por coisa confessar-se muitas vezés. É bos coisa confessar-se muitas vézes? 28. Vsi para o Céu quem morre sem pecado.
- 31. Vai para o Inferno quem marre em pecado mortal, 32. Val ao Pargatério quem morre em





NOTA - Cepcia desta folha catequética. deve a ortança aprender a catecis no elementar da Diocese

PADRE NELSON NOCCUEIRA" MOTA, S. J. -- RUSSAS -- EST. CEARA POTEST IMPRIM Recfs 11-5 1500 PE. PAILO GAMWARTH. S. J. - PROV. SWORTE BRASIL Emprimeter - Fortainza 14-11 - 1856 — † ANTONIO, Arcebiego de Fortainza.



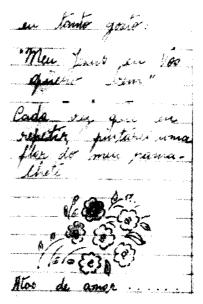
Operas as Men Anjo
da Guarda

Amjo de Deus,
que por divina pie
dade pois minha
quarda e protesas,
luspiras-me, defen
dei-me divina me,
governai- pie
Amen

Men querido Anjo
hoje von passar
o dia un lua

As comungantes, pelos anos cinqüenta (e até mais adiante) tinham caderneta na que contavam (como Peregrina Capelo) pensamentos e ações de comportamento no percurso para o dia da Primeira Comunhão. (1960).

companho echendo um ramalhets de flo rinhus para epina mentar o allarzi nho de men coracal no dia de minha aprimira comunhas que será depinal de fleri nhas amarelas feitas de arror. Direi muitas veyo constatichia que







DEDICATÓRIAS



otos de primeira Comunhão iam reveladas em papel próprio tendo o verso pautado para a inserção de mensagens escritas, como de fato acabava sucedendo, não pelos meninos mas pelos pais. Alguns desses cartões eram importados, tipo bilhete postal, e traziam informações impressas em inglês: "Post Card — correspondence — Please stamp here".

A criança, também, para mostrar que já se achava adiantada na escola, firmava respeitosa dedicatória. Nem sempre sucediam isentas de erros, como se dá em retrato de primeira comunhão assinado por Aistones, a toda certeza descendente de pais estrangeiros. Vejam como o rapaz claudicou no oferecimento: "Ao meu professor Nogueira e sua destinta (sic) offereço o meu retrato em sigma (sic) de grande respeito e gratidão." (s.d.).

O menino José Venâncio Morais (?) dirige-se igualmente ao mestre Joaquim da Costa Nogueira, a 16 de novembro de 1927: "Offereço ao distinto director, e proprietário do Collegio Nogueira, este meu retrato de minha primeira communhão".

Todas as fotos, dessa natureza, via de regra são dedicadas (na coleção a que tive acesso) ao professor Joaquim da Costa Nogueira, e

manuscritadas, exceção feita apenas a um comungante cujo pai, por certo com escritório de negócios, preferiu usar a máquina de escrever, a se mostrar homem próspero, atualizado.

Em 1931 a menina Maria José, que repousa a cabeça em imagem de Jesus Crucificado, oferece seu retrato de primeira comunhão também ao proprietário do Colégio Nogueira, estendendo a homenagem à família desse, e aí consignado: "Aos caros tios: lembrança affectuosa de minha Comunhão".

De notar o trajo da mocinha, o véu que lhe cobre parcialmente a cabeça, o catecismo, as mãos que o seguram, ambas envolvidas em terço possivelmente de contas brancas; a vela, o adorno dessa, e ao fundo a paisagem de solidão, céu e montanha. Tudo conflui na composição fotográfica para sublimar a gravidade da hora. A menininha parece bastante desconsolada...

Em caligrafia vacilante, do próprio comungante, José Wilson Soares de Araújo, a 28 de outubro de 1925, dirige-se a seu "presado" professor Nogueira, lembrando-lhe a primeira Comunhão.

Nessa foto do Foto Sales (à época o estabelecimento atendia, como impresso na foto, na Rua Barão do Rio Branco, 120-A).

Boa performance do ateliê, quando o fotógrafo consegue apreciável resultado em sua composição, ajustando a mão de Jesus (pintado no cenário) a aproximar a hóstia à boca do menino. O comungante está fardado, percebe-se, mas sem o quepe à cabeça. Não usa botas mas sapatos em cor branca, de entrada baixa. Ao pé do genuflexitório a vela com ornamento de praxe.

Podemos admitir que o cenário tem ponto censurável: a parte inferior, que se assenta sobre o piso, está bastante visível, roubando ao observador atento a sensação que o fotógrafo desejou repassar, de comunhão praticada por Jesus.

A foto do garoto Kerensky, referida antes por nós, é lastimável na composição sugerida pelo fotógrafo. Jesus parece oferecer a Eucaristia ao comungante desatento. Enquanto a mão de Jesus praticamente está dirigida em direção ao rosto, é, na direção dos ouvidos, que oferece a hóstia, enquanto o menino — reparem! — fixa olhar à frente, aleado à representação, que se frustra (27-10-1928).

Lembrança de minha princira Comunhão feita no dia 28-de 1931, no



Colegio e Vogeira, ofereso ao men digno Trofessor foaquim e Vogeira como len brança do sen aluno, Eugenio Yaz d'ety

<u>...C. Len Brolla Lann</u>, o wol n

PHCTO-FREIRE

ALCINDO COELHO FREIRE

268-RUA FLORIANO PEIXOTO-269

PORTALEZA-CENRÁ

Isulo Ferreiro

Abo meir Bresado Proferror Noqueira Lembrança de minha 1º conamunhão

José Wilson Soares de Caracijo

Fortaleza, 28 de Butrubro de 1925

Der part de paris de la ser la



Créditos

- (1) "O Inventário do Quotidiano" (Breve memória da cidade de Fortaleza). Edições Fundação Cultural de Fortaleza, Série Pesquisa, n. 4, Fundação Cultural de Fortaleza, 1996, p. 33.
- (2) "Formulário para as Adorações ao S.S. Sacramento", 2. ed. Tip. Assis Bezerra, 1925.
- (3) FEITOSA, Pe. Néri. "Monsenhor Joviniano Barreto", 1960, p. 36-37.
- (4) "Actas e Constituições do Primeiro Sínodo Diocesano Fortalezense" (31 de janeiro, 1º e 2 de fevereiro de 1888), p. 49-50.
- (5) "Anuário Eclesiástico da Arquidiocese de Fortaleza", décimo quinto ano, Fortaleza, 1955, p. 83-84.
- (6) Conf. www.veritas.com.br/agnusdei/catobs3.htm
- (7) CASCUDO, Luís da Câmara. "História das nossas gentes". Editora Itatiaia Ltda / Editora Universidade de São Paulo, Belo Horizonte, 1987, p. 67-68.
- (8) CAMPOS, Eduardo. "Na Flor da Idade, memórias de infância e adolescência", Edições Tukano, Fortaleza, 1991, p. 57.

Fotos

Com exceção dos retratos insertos na parte "Saudades da Comunhão" — todos cedidos pela Professora e Escritora Peregrina Capelo, a quem externamos o nosso mais firme agradecimento, as demais são acervo iconográfico do Instituto do Ceará, a mais antiga e respeitável instituição cultural do Ceará, ao qual também, pelo acesso, confessamo-nos igualmente agradecidos.





PRINCIPIA-SE A VIA SACRA

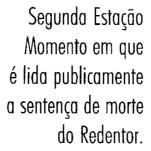
com Hum Acto DE contric, AM, e offerecimento deste Santo Exercicio.

ACTO DE CONTRIC, AM.

sta Via Sacra, comemorativa da exposição "Os Cânones da Salvação", iniciativa do Instituto do Ceará. Inclui todas as ilustrações, em xilogravura, a Via Sacra do livro "Pecador Convertido ao Caminho da Verdade", escrito por Fr. Manoel de Deos, impresso na oficina de Domingos Gonçalves, Lisboa, MDCCXLIV. Projeto gráfico de Eduardo Campos e Carlos Alberto Dantas. Edição inicial, em 2003, de 200 cópias, fora de comércio, para colecionadores.



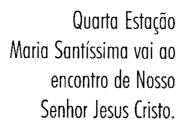
Primeira Estação Jesus sentenciado à morte, depois de cruelmente açoitado.







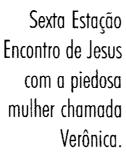
Terceira Estação Jesus desfalece "atropelado pela fúria dos cruéis algozes".







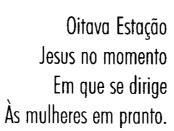
Quinta Estação Simão é levado a Jesus, antes da subida do monte Calvário...







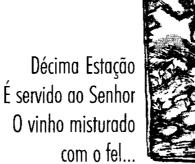
Sétima Estação Jesus cai por terra com a Santa Cruz na Porta Judiciária.







Nona Estação Jesus cai em terra pela segunda vez...







Undécima Estação Depois de receber a coroa de espinhos, Jesus é pregado na cruz...

Duodécima Estação Jesus Cristo entre dois ladrões e à vista da multidão...





Décima Terceira Estação Conta-se que nessa hora Jesus é "despregado da cruz".

Última Estação O Santo Sepulcro, aonde Maria Santíssima e fiéis Depositaram o Santíssimo corpo.



Estatística do Sofrimento

Sete quedas deu nosso Senhor Jesus, do Horto a casa de Anás.

Respondiam todos: Louvado seja para sempre tão bom Senhor.

Os pontapés, que lhe deram, foram cento e quarenta e quatro;

Louvado seja para sempre o Senhor.

As bofetadas setenta e duas;

Os açoites foram de cinco mil, e três vezes chegou ao trânsito da morte, estando açoitado;

Três vezes caiu em terra com a Santa Cruz;

Foi seu coração aflito com setenta e duas angústias;

Sua cabeça foi ferida com mil pontas da coroa de espinhos;

Ao cravar as mãos, e pés, deram sentanta e dois golpes de martelo.

Cento e nove vezes cuspiram em seu Divino rosto;

Cento e nove suspiros deu em sua sagrada Paixão;

Seis mil e quatrocentas e setenta e cinco feridas tiveram seu Santíssimo Corpo;

As gotas de sangue, que derramou, foram duzentas e trinta mil;

As lágrimas, que chorou, foram seiscentas mil e duzentas;

Louvado seja para sempre tão bom Senhor, louvado seja tão amoroso pai, que entre tantos quis dar a vida pelos homens, de quem tinha recebido, e havia de receber tantas ofensas.

Choremos com ânsia na sua presença, nossa gratidão.